

A revolução dos bichos: alegoria em metaficção historiográfica

Déborah Ulian Mendes¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Aurora Gedra Ruiz Alvarez²

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Resumo

A Revolução Russa, de 1917, propunha reformar a sociedade russa tornando-a igualitária, seguindo as concepções de Karl Marx. São os sucessos dessa utopia, cujo desfecho termina em malogro, que George Orwell plasma no romance *A revolução dos bichos*, uma alegoria desse fato histórico. A par dessa figura retórica que veste o discurso romanescos, o autor trabalha também com a metaficção historiográfica, isto é, na vertente da bivocalidade da alegoria produz uma ficção que discute a história. Para compreender como o escritor se vale desses tratamentos estéticos na narrativa, este artigo ampara-se: nos fundamentos de Heinrich Lausberg, João Adolfo Hansen e Flávio Kothe, para o estudo dos discursos constituídos no microcosmo da alegoria; nas elaborações teóricas de Linda Hutcheon, para dar embasamento às reflexões sobre a metaficção historiográfica; em concepções de Dominique Maingueneau e de José Luiz Fiorin, para examinar como se estabelecem as relações de poder nesse universo discursivo. Por esse olhar, que pretende ser investigativo e analítico, este trabalho analisará como a alegoria se constrói na narrativa, reconfigurando as personalidades históricas na condição ficcional, modelando-as segundo essa dimensão caracterológica.

Palavras-chave

A revolução dos bichos. Alegoria. Metaficção historiográfica. Contemporaneidade.

Considerações iniciais

Em seus estudos sobre a alegoria, Heinrich Lausberg classifica-a como um tropo de pensamento, constituído por imagens manifestas de modo expandido, isto é, em uma sequência de metáforas (2004, p. 249), tendo em vista que a representação dessa figura, segundo Moisés, “implica sistematicamente um enredo” (MOISÉS, 2004, p. 15). Nessa cadeia de metáforas se

¹ Graduada em Letras, Português e Inglês, com dupla titulação em bacharelado e licenciatura na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Mestre e doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Pós-doutoramento pela Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. Foi docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie de 1974 a 2021.

constrói uma superposição de conteúdos semânticos materializados pelo dito (sentido denotativo) e pelo que se pretende dizer (sentido conotativo). As metáforas determinam esse jogo de sentidos inscrito na alegoria, em que do *locus a simili* (LAUSBERG, 2004, p. 238), do ponto da similitude, se estabelece uma comparação ou semelhança entre dois objetos. Em outras palavras, nesse ponto de convergência ou de conjunção entre dois elementos se encontra o *tertium comparationis* (terceiro termo da comparação), o elemento comum ou de parença a partir do qual se realiza o cotejo. (LAUSBERG, 2004, p. 239)

João Adolfo Hansen (2006, p. 8) também deu especial atenção à alegoria e no seu estudo reflete sobre o caráter a-histórico e mutável desse recurso expressivo. Presente na tradição, a alegoria, conforme o teórico, apresenta-se com dois feitiços e propósitos distintos, que o levam a entender que não se pode falar de uma única concepção desse tropo, mas de duas, simetricamente complementares: a “alegoria retórica ou construtiva” da tradição clássica, alegoria verbal (ou *in verbis*), conhecida também como a alegoria dos poetas, é “uma maneira de falar e de escrever”; e a dos teólogos, da tradição medieval, a “alegoria interpretativa ou hermenêutica”, entendida como “um modo de entender e decifrar” (HANSEN, 2006, p. 8), procedimento que caracteriza a exegese dos textos bíblicos.

Para este estudo interessa-nos particularmente o conceito de alegoria compreendida como uma “expressão verbal retórico-poética” (HANSEN, 2006, p. 8), fundada no trabalho da oratória, concernente aos mecanismos de que a linguagem se recobre para representar abstrações. A essa esteira conceitual da alegoria se filia *A revolução dos bichos*, de 1945, de George Orwell (1903-1950), *corpus* desta reflexão.

Essa narrativa do escritor inglês constrói uma alegoria da Revolução Russa (de 1917), pelo viés da metaficção historiográfica, estabelecendo, assim, um diálogo da literatura com a história, ao refletir sobre a sociedade e os eventos que nela incidem, não sob o enfoque das ciências sociais, mas da literatura, conforme preconiza Linda Hutcheon (1991). Nesse procedimento, o criador atua com criticismo sobre uma dada realidade, ao mesmo tempo que constrói um enunciado representando esteticamente essas repercussões.

Para Antonio Candido (1989), a literatura é um meio de instrução e educação que propõe a cada leitor um objeto afetivo e intelectual, discute valores e aponta para o posicionamento crítico, como acontece com a obra sob análise, a qual critica os regimes autoritários em geral, caminhando, desse modo, para além da chave dos desmandos operados durante a Revolução Russa. Nessa linha de pensamento proposta pelo teórico, justifica-se a escolha desse *corpus*, na medida que, ao examinar o texto literário, desenvolve-se o exercício analítico-interpretativo, aguça-se o senso crítico e vivencia-se o prazer da leitura, a qual

aumenta a cada descoberta no exame da representação metafórica que recria uma alegoria de um contexto histórico relevante até os dias de hoje.

Segundo Maurice Merleau-Ponty (2006), a história não é apenas um objeto distante e fora de nosso alcance, mas é também a suscitação das pessoas como sujeitos sócio-históricos. A consciência que se tem de determinado evento é, em si, um fato histórico, não uma mera ilusão e, portanto, há na história uma verdade a ser extraída, desde que se consiga levar o relativismo ao seu limite e, em seguida, recolocá-lo na história.

De modo semelhante acontece com a literatura. Esta também objetiva construir um relato verdadeiro, mas dentro do relativismo ficcional, ou seja, a literatura ocupa-se em criar um *efeito de verdade humana*. O historiador trabalha com documentos e dessa fonte constrói o seu entendimento do fato histórico, enquanto o escritor, a partir das ideias que possui da realidade histórica, cria um microcosmo humano estruturalmente convincente no âmbito do estatuto ficcional. Cada área tem a sua verdade; ambas dialogam, mas não coincidem nos procedimentos e propósitos.

Partindo da compreensão de que a literatura é um objeto que fundamenta um universo ficcional em dada realidade e centrando o foco no romance em estudo, pergunta-se: como *A revolução dos bichos* se constrói enquanto uma metaficção historiográfica? Que posicionamentos defende, o que nega, confirma, denuncia? De que recursos estéticos se vale para refratar a realidade e que efeitos de sentidos eles produzem na narrativa? Esses problemas levantados acerca de *A revolução dos bichos* enquanto texto alegórico tratado pelo enfoque da metaficção historiográfica tocam em questões que propomos discutir neste trabalho.

A metaficção historiográfica, por meio de vários expedientes estéticos, como a alegoria e a paródia, e por outras relações intertextuais, promove “uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (HUTCHEON, 1991, p. 157). A metaficção historiográfica problematiza a história, reflete sobre ela e preenche suas lacunas com leituras possíveis.

Das bases expostas, delineiam-se os objetivos deste estudo: investigar o modo como essa narrativa relê a Revolução Russa por meio da alegoria, apreendendo o processo de manipulação do discurso que permeava o poder comunista na Rússia iniciado em 1917; identificar como as relações de poder se constroem no andamento da narrativa; examinar os recursos estéticos privilegiados pelo criador para a representação de governos absolutistas.

Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica que propõe uma aproximação de textos teóricos do objeto de análise. George Orwell é o autor base, uma vez que seu livro é o

foco deste estudo. Com o amparo das teorias de Linda Hutcheon, para o estudo da metaficção historiográfica; dos teóricos da Análise do Discurso, para o exame dos discursos das personagens principais, atentando para as ideologias e os *ethoi* neles presentes; de Heinrich Lausberg e João Adolfo Hansen, dentre outros, no que respeita aos princípios em que se assenta a alegoria.

Apresentados os fundamentos e direções desta proposta de leitura de *A revolução dos bichos*, encaminha-se à próxima seção, onde se desvelarão aspectos dialéticos e ideológicos significativos construídos pela alegoria nessa metaficção historiográfica.

A construção alegórica na narrativa

Antes de falar da alegoria, cumpre primeiro apresentar o autor da obra escolhida para *corpus* desta reflexão.

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em 1903, em Bengala, Índia, ex-colônia britânica. Entrou para a polícia colonial britânica da Índia em 1922, entretanto não se adaptou e acabou por trabalhar em um jornal. Foi um observador crítico da política, em especial, daquela praticada por regimes totalitários em diferentes países. Mesmo sem ter se filiado a nenhum partido, declarava-se de esquerda. Viveu na conturbada época das duas grandes guerras, das revoluções e das crises econômicas pelas quais o mundo passava.

Dentre suas produções literárias há *A revolução dos bichos* (1945), *1984* (1949) bem como outros romances e alguns poemas. Já nas obras não-ficcionais está a maior parte de sua bibliografia, ou seja, ensaios jornalísticos e autobiográficos, políticos e crítico-literários. Nesses, trata de experiências pessoais a respeito de seu posicionamento político e social sobre acontecimentos do século XX e documentários narrativos, dentre eles: *Na pior em Paris e Londres* (1933), *Caminho de Wigan* (1937) e *Lutando na Espanha* (1938).

De acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 265): “A literatura e a política estão ligadas entre si e com o acontecimento, mas de um outro modo, como duas camadas de uma única vida simbólica ou história [*sic*]”. Orwell vale-se da literatura como meio de questionar políticas e governos ditatoriais, pois sendo defensor da liberdade de pensamento, posiciona-se contra os regimes extremistas, combate ao Stalinismo e demais ideologias repressoras, ressaltando que, afinal, socialistas e capitalistas no poder são igualmente corruptos.

“A literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (CANDIDO, 1989, p. 174). É aí que se situa a literatura social, para o estudioso, aquela que trata de uma realidade tão política e

humanitária quanto a dos direitos humanos, pois parte de uma análise do universo social e procura retificar as suas iniquidades.

A obra escolhida para análise, *A revolução dos bichos* (2007), pode ser lida como uma alegoria crítica e satírica aos rumos tomados pela Revolução Russa, pois apresenta as relações de autoritarismo e corrupção presentes nos discursos das personagens, assim como se encontrou nas relações humanas, políticas e sociais do governo soviético. O romance evidencia o desvirtuamento dos princípios ideológicos iniciais do socialismo representado em forma de uma metaficção historiográfica.

A metaficção historiográfica configura-se como um olhar crítico acerca do discurso histórico e ao mesmo tempo propõe que o mundo descrito seja fictício.

E é uma espécie de paródia seriamente irônica que muitas vezes permite essa duplicidade contraditória: os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do "mundo" e da literatura. (HUTCHEON, 1991, p. 163)

Esse tipo de narrativa constitui-se da ambivalência, uma vez que no texto em foco ecoa o discurso de um contexto sociocultural. Essa duplicidade (ficção x história) aproxima-se muito da natureza da paródia, que se caracteriza pelo jogo da bivocalidade na revisão histórica e, muitas vezes, do olhar crítico acerca do objeto sob apreciação.

As personagens presentes nesse modelo discursivo não se limitam a uma abordagem microcós mica dos tipos sociais, mas sim traduzem conflitos de tendências que existem na narrativa, que podem ser atribuíveis a outros intertextos, em especial, aos discursos histórico e marxista.

A revolução dos bichos (2007) foi publicada no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e é uma das obras que conferiu maior importância e popularidade a George Orwell, por dialogar com os acontecimentos desse momento histórico perturbado por tensões sociopolíticas e, particularmente, em virtude de o mundo estar dividido entre os blocos capitalista e socialista. A ideologia defendida no romance é crítica, de esquerda, alinhada ao socialismo, visto que o autor George Orwell era um homem adepto a pensamentos que seguiam essa vertente ideológica.

O conceito de ideologia é bastante discutido em estudos sociológicos e políticos, quase sempre para refletir sobre sistemas de organização da sociedade, como o fazem Marx e Engels ([1848] 2010) e Michel Foucault (2009), apenas para citar dois nomes de momentos distintos da história do pensamento. No entanto, há ideologia em todas as linguagens do

cotidiano, tendo em vista que qualquer decisão ou posicionamento é expresso por um discurso ideológico, mesmo que se manifeste de forma inconsciente para o sujeito.

Segundo Fiorin (2001), as formações discursivas constroem as formações ideológicas, que estão diretamente ligadas às classes sociais, e os agentes do discurso são as classes e as frações destas. Além disso, na constituição de uma sociedade, no entendimento do linguista, há dois níveis de realidade: o de essência e o de aparência, portanto, um profundo e um superficial. O discurso ideológico poderá ser fácil ou dificilmente compreendido de acordo com a fundamentação compreensiva de cada ouvinte/leitor.

Considerando esses fundamentos teóricos, é possível relacionar o conceito de ideologia com o de linguagem, uma vez que um pertence ao outro e é pela linguagem que o discurso ideológico é transformado. A linguagem é um meio de transmitir poder e de expressar o pensamento de todos os segmentos sociais; ela é complexa, pois pode ser vista sob diferentes pontos de vista. Toda expressão de linguagem é permeada por uma determinada visão de mundo, a qual responde pela maneira de perceber e conceber a realidade de cada indivíduo e, por isso, é relevante na comunicação. “As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem.” (FIORIN, 2001, p. 33).

A partir desse posicionamento sociopolítico, Orwell criou uma alegoria que discute a respeito da igualdade entre os seres humanos e os animais, ideal que se mostra impossível de ser concretizado na narrativa, pois o desejo de liderar e ter poder corrompe as personagens.

Segundo Massaud Moisés, essa figura de pensamento constrói “um discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra”, ou ainda: “Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as ideias, qualidades ou entidades abstratas que compõem o outro.” (MOISÉS, 2002, p. 14)

O componente alegórico não se vale apenas de um dado coletivo, mas de um instrumento ideológico e funciona como comunicação do que se ajustou em sua significação. Para Flávio R. Koethe (1986, p. 39), “[a] alegoria nunca é capaz nem de apreender toda a ideia que nela se procura expressar, nem de expressar toda a ideia que nela se manifesta”.

Ao mesmo tempo, costuma ser [a alegoria] conceituada como contradição entre um elemento espiritual (a ideia) e um elemento corpóreo (aquilo que serve para representá-la), entre um pensamento causado e um pensamento causador; em suma, nela se reproduz ampliadamente o conceito de signo, constituído por um significado e um significante. [...] Este esquema se reproduz inclusive em categorias teóricas básicas do marxismo, como supraestrutura e infraestrutura, correspondendo esta à parte material e aquela à parte espiritual. Para superar a mera antinomia desses termos

é preciso recuperar a concepção de totalidade; e isso ocorre tanto mais quanto mais se desenvolve o corpo-a-corpo entre as classes. (KOETHE, 1986, p. 41).

Tomando como base as reflexões sobre a alegoria, compreende-se que *A revolução dos bichos* (2007), mesmo contextualizada na Inglaterra, em uma granja que pertence ao Sr. Jones, pode ser uma alegoria do Czar Nicolau II, representante do poder russo pré-revolucionário. Os animais da Granja do Solar estão insatisfeitos com o abuso com que são tratados e discutem sobre uma sociedade mais justa e ideal, assim como na História, a sociedade russa via-se descontente com a situação do governo vigente, visto que a Revolução Russa surgiu em um momento em que o país passava por problemas econômicos após sofrerem a derrota na guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Em 1904, a dívida do Estado cresceu, revoltas populares surgiram pelo país e, em meio a isso, o povo sofria repressão do violento exército nacional.

Na obra em análise, os animais são influenciados pelas ideias do porco Major e unem-se para fazer uma revolução contra o inimigo em comum: o humano. Na fala do próprio Major: “O Homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retira-se o Homem e a causa principal da fome e da sobrecarga desaparecerá para sempre” (ORWELL, 2007, p. 12). Esse modelo de discurso assemelha-se ao do líder nazista Adolf Hitler quanto ao pensamento de que os judeus seriam a causa dos problemas econômicos dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, em outra medida, ao dos líderes comunistas russos, que culpavam os empresários capitalistas pela injustiça que o proletariado sofria.

Consoante o autor do posfácio do livro *A revolução dos bichos* (2007), Christopher Hitchens (2006, p. 115): “o velho Major analisa a vida de provação e sacrifício dos animais, conclama todos a derrubar seus opressores e pinta um quadro de um futuro radioso baseado no princípio da ajuda mútua e da prosperidade”. Juntos, os animais, sob a liderança dos porcos, conseguem que Jones saia da fazenda: “a tarefa de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, reconhecidos como os mais inteligentes dos bichos.” (ORWELL, 2007, p. 18).

Major morre antes que a revolução aconteça, mas não sem passar seus conhecimentos e ideais, cujos princípios estão enraizados no marxismo. Acerca dessa ideologia, Merleau-Ponty tece relevantes considerações, bem como sobre o grande defensor desse pensamento, Lenin³:

De nada serve responder que o marxismo é verdadeiro como ideologia da classe ascendente, pois, em primeiro lugar, conforme o entendimento de Lenin, o marxismo

³ Lenin é o pseudônimo de Vladimir Ilyich Ulianov.

e a teoria do social chegam à classe operária trazidos de fora, e isso quer dizer que pode haver verdade fora do proletariado; inversamente, nem tudo o que vem do proletariado é verdade, já que o proletariado, numa sociedade em que é impotente, está contaminado pela burguesia. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 46-47)

Da mesma forma como Karl Marx e Friedrich Engels (2010) propuseram seus ideais em seu *Manifesto comunista* (1848) e os russos, inspirados em suas teorias, propuseram a revolução, os animais em *A revolução dos bichos* (2007) passaram a empregar o Animalismo, ou seja, o conjunto de ensinamentos idealizado por Major.

O Animalismo denomina o sistema de normas que passa a reger a sociedade dos animais. Alegoricamente entende-se essa teoria como o socialismo científico, regime em que não há propriedade privada e em que todos trabalham para o bem comum, ideal defendido por Marx e Engels. Sendo Orwell defensor desse pensamento, em *A revolução dos bichos* (2007) comparece a crítica às práticas imperialistas do socialismo existente na União Soviética e não à teoria marxista. Na obra, há uma espécie de socialismo democrático, pois há a organização de assembleias lideradas por Bola-de-Neve. No entanto, esse regime vai cada vez mais se moldando aos interesses dos porcos e, com isso, a obra cria, mais uma vez, uma metáfora do povo que, com o passar do tempo, vai sendo controlado por um governo autoritário que abandona o que foi previamente proposto.

Na granja pós-revolução, os animais são considerados iguais entre si e criam sete mandamentos para regrá-los, os quais são construídos inicialmente de forma democrática:

1º Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo; 2º O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo; 3º Nenhum animal usará roupa; 4º Nenhum animal dormirá em cama; 5º Nenhum animal beberá álcool; 6º Nenhum animal matará outro animal; 7º Todos os animais são iguais. (ORWELL, 2007, p. 25).

Porém no decorrer da narrativa torna-se claro que os porcos não acreditam serem todos os animais iguais, mas sim que “uns são mais que outros”, pois as normas vão sendo reformuladas sem a participação de todos os bichos. Em virtude de muitos dos animais da granja não saberem ler, não conseguem acompanhar as mudanças pelas quais os mandamentos vão passando, tampouco todas as decisões tomadas pelos líderes porcos.

Características humanas vão, cada vez mais, se tornando comuns aos porcos que parecem se esquecer de todas as antigas aspirações e, ao final da história, não há mais diferenças entre os porcos e os humanos.

A República dos Bichos, que o velho Major havia previsto, quando os verdes campos da Inglaterra não mais seriam pisados pelos pés humanos, era coisa em que ainda

acreditavam. O dia havia de chegar. Podia ser mais cedo ou mais tarde, talvez não acontecesse durante a vida de qualquer dos animais de então, mas havia de chegar. [...] Talvez fosse verdade que a vida era difícil e que nem todas as suas esperanças se haviam concretizado; mas tinham a consciência de não serem iguais aos outros animais. Se tinham fome, não era por alimentarem alguns tirânicos seres humanos; se trabalhavam arduamente, pelo menos trabalhavam em seu próprio benefício. Nenhuma criatura dentre eles andava sobre duas pernas. Nenhuma criatura era “dona” de outra. Todos os bichos eram iguais. (ORWELL, 2007, p. 104).

Nesse ponto da narrativa, os animais guardam em si sentimentos contraditórios: eles se dão conta da mudança de rumo das primeiras expectativas, de certo desencanto pelo demorado sucesso da revolução, porém sentem-se encorajados a continuar a luta do cotidiano. O que nutre essa confiança em dias melhores é uma espécie de compensação advinda da consciência de que os sofrimentos atuais não são impostos por seres distintos de sua espécie, como aqueles padecidos sob o jugo dos humanos.

Percebe-se, ao se avaliar essa obra de Orwell, que as personagens de *A revolução dos bichos* (2007) possuem enlances históricos com influentes personalidades históricas. O porco Major tem um perfil que leva a comparação a Lenin (1870-1924), que foi o líder político responsável pela implantação do comunismo na Rússia; e com Karl Marx (1818-1883), que foi o principal gerador do socialismo científico. A obra deste último forma a base teórica do comunismo e do socialismo. Segundo Michael H. Hart (2001, p. 184):

Os movimentos marxistas em geral enfatizam quatro ideias principais: (1) poucas pessoas ricas vivem em grande abundância, enquanto a maioria dos trabalhadores vive comparativamente em pobreza. (2) A maneira de corrigir tal injustiça é estabelecendo um sistema socialista, ou seja, cujos meios de produção pertençam ao governo e não à iniciativa privada. (3) Na maioria dos casos, a única forma prática de estabelecer esse sistema é por meio de uma revolução violenta. (4) Para preservar esse sistema socialista, a ditadura do partido comunista deve ser mantida por período longo.

Bola-de-Neve, o porco inteligente e idealista, demonstra realmente querer melhorar as condições de vida de todos, é um dos primeiros líderes da revolução, junto ao Major. No decorrer da história há uma conspiração com o outro porco, Napoleão, e Bola-de-Neve é então tido como traidor e é expulso da granja. Bola-de-Neve pode ser visto com certa semelhança a Leon Trotsky (1879-1940), importante aliado de Lenin e discípulo de Marx, pois de acordo com Pipes (2018), na história russa, Lenin queria que Trotsky fosse seu sucessor na política e afirmou em seu testamento político que Joseph Stalin (1878-1953) era cruel e deveria ser afastado do cargo, contudo, em 1924, após manobras políticas, Stalin conseguiu derrotar Trotsky e seus seguidores. Stalin insistiu na coletivização forçada da agricultura, o que

provocou resistência aos camponeses, porém isso não foi suficiente e muitos foram assassinados ou morreram de fome, pois o ditador manteve sua política rigorosa.

Agora já não mencionavam Napoleão como “Napoleão” simplesmente. Referiam-se a ele de maneira formal, como “nosso Líder, o Camarada Napoleão” e os porcos gostavam de inventar para ele títulos tais como Pai de Todos os Bichos, Terror da Humanidade, Protetor dos Apriscos, Amigo dos Pintainhos e assim por diante. (ORWELL, 2007, p. 76)

Em *A revolução dos bichos* (2007), Stalin é representado pelo porco Napoleão, que é autoritário e arma um golpe para tirar Bola-de-Neve da disputa pela liderança. É corrupto e torna-se um ditador, assim como Stalin. Utiliza os cães como exército para defender seus interesses pessoais, assim como na ditadura russa a polícia secreta (KGB) era agressiva e cruel com o povo que se rebelava.

Verifica-se que o inteligente e manipulador porco Garganta não é alegoria de um único indivíduo, mas sim de todo o departamento de propaganda dos regimes totalitários, no caso da Rússia, *Pravda*, o principal jornal da União Soviética. Dotado do poder de persuasão, encarregava-se de transmitir aos animais o que Napoleão queria, convencendo-os de que tudo era para o bem de todos, mas nem sempre o gerenciamento das ações políticas ocorria como ele expunha.

Camaradas – disse lentamente –, quem é o responsável por isto? Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA-DE-NEVE! – rugiu violentamente com voz de trovão. – Bola-de-Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola-de-Neve. Uma “Herói Animal, Segunda Classe” e meio balde de maçãs ao animal que lhe fizer justiça. Um balde inteiro a quem o capturar vivo!” [...] Os animais ficaram chocadíssimos ao saberem que mesmo Bola-de-Neve fosse capaz de uma coisa daquela. (ORWELL, 2007, p. 60).

A ambição e o anseio pelo poder levam as personagens porcos a negligenciarem as razões que deram origem à revolução, quando elas tomam o lugar dos humanos e passam a explorar os outros animais. A narrativa conduz à reflexão que, do funcionamento das sociedades seja pelo comando capitalista ou socialista, o poder corrompe. Os que estão no poder, em *A revolução dos bichos* (2007), subvertem os sete mandamentos para atender seus próprios interesses, negociam com humanos e passam a agir contra os próprios animais.

Quando o Sr. Jones era o responsável pela granja, explorava o trabalho animal em seu próprio benefício, com o intuito de acumular capital, sendo então possível vê-lo como uma

representação do Capitalismo. Conforme Merleau-Ponty (2006, p. 39), a sociedade capitalista possui um chão comum, pois é pensada como uma balança, em que o cálculo social é feito para que o sistema seja intencionalmente racional e que a renda seja maior do que o custo de produção. Esse raciocínio alicerça-se na relação entre o que se consome para produzir e o quanto se ganha com a venda do produto. Dessa operação entre gasto e lucro produz a “linguagem universal do dinheiro” no mundo capitalista (SIMMEL, 1998, p. 37).

Na obra em exame, a religião é simbolizada pelo corvo Moisés que na época revolucionária desaparece, mas retorna ao final para representar a ideia de que a religião não tem protagonismo na Revolução Russa. O corvo doméstico dizia aos animais que eles poderiam ir à Montanha Cande (o céu), caso trabalhassem duro. Nessa vertente do discurso cristão perpassa a ideia de resignação ao sofrimento, de aceitação da exploração para alcançar o “Paraíso”. Os líderes Bola-de-Neve e Major, no entanto, acreditavam que essa Montanha era justificativa para que os animais trabalhassem, perdendo o propósito do coletivo.

As ovelhas alegorizam o povo facilmente manipulável, usado como massa de manobra. O velho burro Benjamin representa os céticos e indiferentes ao que ocorre no país, sempre pensa que “nada nunca vai mudar”. A égua Mimosa pode ser vista como uma alegoria à burguesia alienada, pois no decorrer da narrativa há vários momentos em que ela apenas se preocupa com sua aparência, não quer trabalhar duro e tampouco pensa no bem coletivo.

O cavalo Sansão configura-se como o proletariado que é fiel à nação, é manipulado e não questiona. Ele é forte e cumpre todas as ordens dadas, sem nunca reclamar, é o mais trabalhador de todos os animais, no entanto, é inconsciente da realidade em que vive. “[...] ele não tinha uma inteligência de primeira ordem, embora fosse grandemente respeitado pela retidão de caráter e pela tremenda capacidade de trabalho.” (ORWELL, 2007, p. 10).

Em suma, a alegoria, valendo-se da figuração de um sistema ameaçado (o comunismo soviético), atua como um instrumento ideológico que permite a obra *A revolução dos bichos* (2007) tratar, pela metaficção historiográfica, de uma realidade histórico-social de um povo, representado na narrativa pelos animais que encenam e polemizam o contexto da Revolução Russa. Além disso, o romance expõe a visão política de George Orwell a respeito da situação conflituosa em que o mundo se encontrava no meio do século XX. Por extensão, repensando essa alegoria em relação às décadas subsequentes do século passado, pode-se dizer que ela se mostra apropriada à representação dos governos totalitários e/ou daqueles que suprimem certos direitos democráticos dos cidadãos, formatos ainda presentes, em alguns países nas primeiras décadas do século XXI.

Considerações finais

Do exposto, conclui-se que *A revolução dos bichos* (2007) de George Orwell, romance criado segundo os pressupostos da alegoria, enforma o narrado com uma superposição de camadas semânticas, originada do processo de “transposição semântica de um signo presente para um signo ausente” (HANSEN, 2006, p. 230), ou seja, ao plasmar, na materialidade do texto, os signos *in praesentia* – uma sociedade de animais composta por sujeitos que dominam, manipulam, corrompem-se –, essa figuração evoca a sociedade humana (signos *in absentia*), composta, também por indivíduos que exploram, manipulam, desviam-se dos propósitos coletivos.

A duplicidade de vozes, a dos porcos, voz nascida do sentido denotativo do texto e a dos humanos, advinda do conotativo (realidade histórica da primeira metade do século XX), mostra-se ser uma boa estratégia usada pelo escritor para construir uma narrativa que não apenas desperta o prazer da leitura, mas, especialmente, posiciona-se diante dessa realidade e conduz à reflexão. Resgatando o pensamento de Antonio Candido de que a literatura supre a “necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (CANDIDO, 1989, p. 174), pode-se dizer que essa obra assume um compromisso de engajamento com o seu mundo e, por extensão, de compromisso sociopolítico em defesa da coerência e da transparência políticas, de repúdio aos governos totalitários em geral.

Nessa esteira de entendimento, *A revolução dos bichos* (2007) retoma realidades da História, discute-as à luz da metaficção historiográfica, uma vez que o leitor não aguarda que o criador faça um relato do que foi a Revolução Russa, mas que coloque em xeque valores e posicionamentos no que respeita ao discurso histórico, sem deixar de ser ficção, ou nas palavras de Linda Hutcheon, “os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do "mundo" e da literatura. (HUTCHEON, 1991, p. 163, grifo da autora). Desse modo, o texto literário reflete o *status quo* e, ao mesmo tempo, refrata um olhar crítico em relação ao contexto histórico, destronando os discursos que enformaram o regime soviético no período da Revolução Russa.

Ademais, para recobrir a linguagem com o ornamento da ficção, a alegoria, como mencionado, trabalha com a materialidade do texto e caminha para a abstração. Por esse viés, cria uma abertura que expande o sentido para além da realidade histórica primeira (Revolução Russa) e torna-se representação modelar, porque abstrata, das formas de regimes autoritários.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios)
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- HANSEN, J. A. **Alegoria**: Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- HART, Michael H. **As 100 maiores personalidades da história**: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a história. Tradução Antônio Canavarro Pereira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- HITCHENS, Christopher. Posfácio: Repensando A revolução dos bichos. In: **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOETHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 5. ed. Tradução R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. [1848]. Tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1. ed. São Paulo: Editempo Editorial, 2010.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PIPES, Richard. **História concisa da Revolução Russa**. Tradução T. Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs. e trad.) **Simmel e a modernidade**. Brasília: Unb, 1998, p. 23-40.

ANIMAL FARM: ALLEGORY IN HISTORIOGRAPHIC METAFICTION

Abstract

The Russian Revolution of 1917 intended to rebuild the Russian society by making it egalitarian, following Karl Marx's ideas. The successes of this utopia, which outcomes as failure, that George Orwell creates in the novel *Animal Farm*, an allegory of this historical fact. Alongside this rhetorical figure, who is involved in discourse, the author also works with historiographical metafiction, that is, in the bivocality of allegory, he produces a fiction that makes History polemic. To understand how the author uses these aesthetic treatments in the narrative, this article draws on: the foundations of Heinrich Lausberg, João Adolfo Hansen and Flávio Kothe, for the study of the speeches constituted in the microcosm of allegory; in Linda Hutcheon's theoretical elaborations, to support the reflections on historiographical metafiction; in conceptions by Dominique Maingueneau and José Luiz Fiorin, to examine how power relations are established in this discursive universe. For this look, that intends to be investigative and analytical, this work will analyze how the allegory is constructed in the narrative, reconfiguring the historical personalities in the fictional condition, modeling them according to this characteristic dimension.

Keywords

Animal farm. Allegory. Historiographic metafiction. Contemporaneity.

Recebido em: 10/01/2021

Aprovado em: 19/07/2022